

Cidades.

Encrenca com lixo em calçada

Moradores reclamam de uma calçada que fica perto de uma escola municipal no bairro Ibes, em Vila Velha, que foi transformada em um depósito de lixo. *Página 9*

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

UM CASO POR DIA DE ABUSO SEXUAL INFANTIL

Em 2014, foram 386 casos desse tipo de violência no Estado

CLÁUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

A revelação sobre a causa daquelas feridas no corpo do menino de apenas 13 anos foi como um soco no estômago de sua mãe. Tão logo o médico lhe informou que seu garoto estava com sífilis, ela o pegou pela mão e o levou à Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA). Ali, visivelmente constrangido, ele revelou que havia sido vítima de estupro dentro de sua própria casa. O autor do crime? Um “tio de consideração”.

Neste Dia Nacional de Combate ao Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes, lamentavelmente, a história do garoto José (nome fictício), contaminado por sífilis, divulgada há poucos dias, é apenas uma entre os casos de abuso sexual de menores de idade registradas no Espírito Santo, onde a média chega a, no mínimo, um por dia.

Como o “tio de consideração” de José – que dormia de favor na sala da casa do menino – é sabido que abusadores são, em sua maioria, pessoas ligadas às vítimas por laços de sangue – pais, avós, tios, primos – ou relações bem próximas – padrastos, vizinhos.

SUBNOTIFICAÇÃO

Em 2014, foram registrados no Espírito Santo 386 casos de violência sexual contra pessoas de 0 a 19 anos, segundo a Secretaria de Estado da Saúde (Sesa).

Mas esse número não reflete, com certeza, o tamanho verdadeiro desse problema, verdadeira tragédia, tomando-se por base que, segundo a responsável pela área técnica de acidentes e violência da Vigilância Epidemiológica da Sesa, Edileusa Cupertino, dos 78 municípios do Estado, 16 nem



Dados mostram que muitos casos de agressão não são denunciados pelas vítimas

sequer notificam ao órgão os casos de abuso sexual que levam crianças, adolescentes e jovens às unidades de saúde, em busca de atendimento.

A vergonha de admitir um caso em família também ajuda a mascarar as estatísticas. Muitas vezes, a realidade é exposta em forma de uma gravidez indesejada. “A

violência sexual atinge até bebês. Já tivemos registro de menores de 1 ano”, diz Edileusa Cupertino.

Na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, que atua na Região da Grande Vitória, somente nos primeiros quatro meses deste ano o delegado Lorenzo Pasolini cita o regis-

tro de 826 casos de violência contra menores de idade, grande parte relativa a casos de estupro e de estupro de vulnerável (quando a vítima tem menos de 14 anos de idade).

Pasolini diz que, muitas vezes, a produção da prova do crime torna-se difícil porque o abusador, com ligação

PAPEL DA FAMÍLIA

“É preciso reforçar o papel da família, para que ela oriente suas crianças e adolescentes. Já atendi caso de menina grávida com apenas 11 anos”

JOCELINO JUNIOR
CONSELHEIRO TUTELAR DE VITÓRIA

de parentesco ou algum tipo de relacionamento com a vítima, a tortura psicológica, fazendo ameaças até de morte para evitar que ela o denuncie.

Entre os casos investigados pela DPC, constam vítimas de todas as idades, como o da menina de classe média que só teve o abuso descoberto quando engravidou. Um teste de DNA mostrou que o pai do bebê era o tio da garota. O homem está preso.

Na Grande Vitória, um conselheiro tutelar cita outro caso, onde a revelação do abuso de duas meninas, que teria sido praticado pelo próprio pai das garotas, levou o homem a suicidar-se.

Coordenadora do Fórum de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, Patrícia Hulle também fala do medo que as pessoas têm de denunciar a violência que acontece no próprio domicílio familiar, considerado sagrado.

Para os especialistas, a possibilidade de denúncias serem feitas de forma anônima, pelo Disque 100, por exemplo, favorece a apuração e possível descoberta dos crimes.

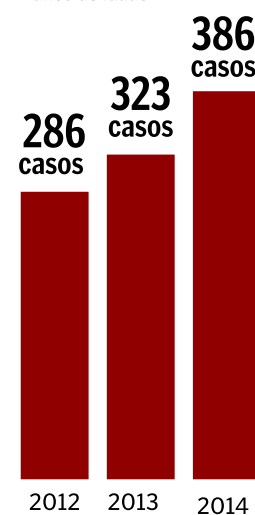
DADOS

VIOLÊNCIA SEXUAL

Atendimentos realizados nas unidades da saúde de todo o Estado e no Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), em Vitória

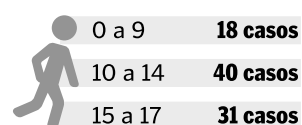
NAS UNIDADES DE SAÚDE

● Não há, entre os registros, notificações de 16 dos 78 municípios do Espírito Santo. São atendidas crianças, adolescentes e jovens até 19 anos de idade



NO PAVIVIS 2014

IDADE DA VÍTIMA



ABUSADORES



CONTINUA pág. 4

ABUSO SEXUAL

Crime cometido por parentes tem impacto maior

Pais, tios, avós e padrastos são muitas vezes responsáveis por abuso de crianças

▄ CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

“O abusador transforma o corpo do outro em objeto de um jogo de perversidade. Seu grande prazer é subjugar o outro nesse jogo onde ele comete uma violência”, explica o psicólogo Gentílio Sérgio Souza Pinto, um dos técnicos que atuam no Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), no Hospital das Clínicas, em Vitória.

Os dados mais recentes do Pavivis, referentes a 2014, mostram

que dos 134 registros de violência sexual, 89 (66,4%) tiveram como vítimas crianças e adolescentes. Doze desses casos tiveram pais biológicos como abusadores; oito, padrastos; e 17 outros parentes, como tios e avós.

As vítimas chegam em busca de atendimento com transtorno de estresse pós-traumático, que envolve incapacidade de superar o fato vivido, a partir da lembrança, taquicardia, sensação de sufocamento, ansiedade.

O psicólogo lembra que espera-se das figuras paterno-maternas um porto seguro. Por isso, o abuso praticado

por um pai causa uma sensação de desamparo na vítima ainda maior.

MEDICAÇÃO

A vítima de estupro deve receber medicação profilática para evitar doença sexualmente transmissível (DST), podendo ser atendida em qualquer unidade de saúde. No Pavivis há orientação para acompanhamento médico e psicossocial, hoje voltado para adultos e adolescentes com 40 quilos. Abaixo desse peso, e também em caso de crianças, o atendimento deve ser feito em outras unidades de saúde, como o Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória.

BERNARDO COUTINHO/ARQUIVO



Vítima apresenta estresse pós-traumático e sente-se incapaz de superar o fato

Dia de Combate marca os 42 anos do Caso Araceli

▄ Em 18 de maio de 1973, em Vitória, Araceli Cabrera Crespo, uma menina de 8 anos, foi raptada, drogada, estuprada, morta e carbonizada.

Anos se passaram e esse crime hediondo acabou prescrevendo, sem que os autores fossem punidos. Foi por causa desse fato que instituiu-se o Dia

Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, com aprovação da Lei Federal 9.970/2000.

FIORELLA GOMES



Protesto contra violência

Integrantes do Fórum Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual, Conselho Tutelar de Vitória e prefeitura fizeram uma manifestação contra a violência sexual infantojuvenil, na Praia de Camburi, ontem. Crianças e adolescentes de uma banda de congo também participaram do ato.

Só casos de abandono superam abusos na Capital

▄ O número de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes registrado no município de Vitória só não é maior do que notificações de negligência e abandono. Em 2014, foram 112 casos novos deste tipo de violência denunciados na Secretaria Municipal de Saúde (Semus). Desse total, 89 vítimas eram meninas e 59 estavam na faixa etária entre 5 e 14 anos.

Patrícia Hulle, coordenadora do Fórum Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, afirma que a maioria desses casos de violência acontece no ambiente familiar. “Vitória, por ser

REDE

“A gente sabe de hotéis que exploram meninos e meninas, e redes de prostituição que utilizam crianças”

PATRICIA HULLE FÓRUM DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL DE VITÓRIA

uma cidade de turismo de negócios, tem a exploração sexual também”, afirmou, à Rádio CBN Vitória.

Há duas regiões na Capital onde se concentram os casos de exploração sexual infantil: a Praia de

Camburi e o Centro. Mas, segundo Patrícia Hulle, ainda é difícil identificar exatamente onde ficam esses locais devido à falta de denúncias.

A conselheira tutelar Rosenita Pereira alerta que a família precisa estar atenta a mudanças comportamentais da criança ou adolescente que possam indicar que ela sofreu algum tipo de violência. Falta de apetite, retração, introspecção, pesadelos durante a madrugada e baixo desempenho escolar são alguns dos sintomas. Denúncias podem ser realizadas pelo Disque 100, Conselho Tutelar ou anonimamente, pelo número 181. (Fiorella Gomes)